

56/10/28
Folha da Manhã

28 outubro 1956 O DRAMA DO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS — VI

SUPERADO O PROBLEMA ECONOMICO, É PRECISO VENCER AGORA AS BARREIRAS DO PRECONCEITO

Integração total no seio da sociedade, o passo decisivo — "O medo desapareceu" — "Nenhum outro povo poderia sorrir, cantar e gritar como nós o fazemos esta tarde"

PEQUENO DICCIONARIO SULISTA — N.A.A.C.P.: São estas iniciais que atormentam tanto o Sul, agora... De acordo com toda a opinião liberal americana, nenhum dos progressos observados no curso dos últimos anos, e sobretudo a decisão histórica da Corte Suprema, de 17 de maio de 1954, teria sido conseguido sem o trabalho jurídico e a organização incansável da N.A.A.C.P.

A Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People) foi fundada em 1909, por um grupo de personalidades "brancas" indignadas pelas perseguições antinegras em Illinois. Seu crescimento muito lento, no início, acelerou-se consideravelmente no fim dos últimos anos. A N.A.A.C.P. conta atualmente 300 mil membros, mais ou menos, com mais de 700 seções locais no Sul. O conselheiro jurídico da N.A.A.C.P. é Thurgood Marshall, que combateu na Corte Suprema a segregação nas escolas e obteve ganho de causa.

Nós estávamos reunidos, naquela tarde, na casa do dr. James Hines, um dos líderes do N.A.A.C.P. em Louisiana. Estavam presentes dois estudantes, uma secretária, um jovem professor e um jogador de futebol, magnífico gigante que ensina ginástica numa escola católica negra de Alexandria.

Eu e minha esposa eramos os únicos brancos e eramos, também, os únicos que se exasperavam.

— "Gulikovaty me parece muito impaciente", disse James Hines. "Ele queria que o problema fosse resolvido numa noite. Nenhum problema se resolve numa noite. O fato é, entretanto, que os Estados Unidos têm resolvido mal muitos problemas. Este, talvez, seja o mais difícil de todos, pois trata-se de extirpar do coração e do cérebro de milhares de pessoas os preconceitos conservados geração após geração. Suponha o tempo que foi preciso, aos Estados Unidos, para absorver

o imigrante italiano e, antes dele, o imigrante irlandês. Hoje, ainda esses preconceitos contra o italiano e o irlandês católicos não desapareceram completamente, mas pode-se comparar o atual estado de coisas com a situação de trinta ou cinquenta anos, atrás."

James Hines não se convence senão em parte. É verdade que os Estados Unidos precisaram enfrentar os problemas raciais com uma agudeza desconhecida por toda a parte.

Em Nova York resido num bairro onde numa só escola o diretor pode contar crianças de 53 grupos étnicos diferentes.

Um dos meus amigos, professor, ensinou numa escola onde a maior parte dos alunos, originários de Porto Rico, não falavam senão Espanhól. Na mesma classe havia alunos irlandeses, judeus, alemães e alguns negros.

Eis o que não se compreende, sempre, no estrangeiro: as dificuldades que conhece um país constituído, nas suas grandes cidades industriais, sobretudo, por múltiplas raças que deixam passar muito tempo antes de se compreender e conviver pacificamente. Basta viver nos Estados Unidos, durante alguns anos, para compreender que essa "pacificação" é maravilhosa.

A MISERIA NÃO É MAIS O PROBLEMA

Mas a questão negra me parece, com toda a honestidade, diferente. O negro americano realizou extraordinários progressos no curso do último quarto de século. Mas esses progressos são, sobretudo, de ordem econômica. O negro americano, salvo uma minoria muito fraca no Sul, não sofre mais a miséria. "There is plenty to eat over here" (há muito o que comer aqui) disse-me uma professora de Villeplate.

Entre numa casa de aspecto pobre, em Alexandria, ou mesmo no Mississippi, e você encontrará geladeira elétrica, rádio e muitas vezes televisão e telefone. Por toda parte, o nível de vida do negro se eleva. Muitos conseguiram bens imóveis. A "burguesia negra", como disse o sociólogo Franzler, tornou-se realidade. Nas usinas de Birmingham, de Atlanta ou de Baton Rouge, os trabalhadores negros

aufere salários identicos aos dos operarios brancos.

O problema não é pois, mais economico. É social. O negro tem melhores condições de vida, mas ele sabe agora que lhe resta um passo decisivo a dar: a integração total no seio da sociedade americana. O negro não quer mais viver nos "ghettos". Ele quer viver a vida do americano branco, não quer mais ser um "americano diferente". Se o assunto foi colocado no plano da integração escolar e que o negro sente que lhe será preciso vencer os preconceitos mesmo no seio da infância e da juventude. Será preciso habituar toda a sociedade sulista a aceitá-lo, como um ser humano comum. Será preciso vencer o terrível obstáculo da cor.

A luta contra a "absorção" do negro é menor em Illinois ou em Nova York do que no Mississippi ou em Alabama. Ninguém nos Estados Unidos o contesta. No bairro Trumble Park, de Chicago, desde muitos anos, famílias negras tomaram apartamentos nos prédios de aluguel moderado, construídos pela Municipalidade, e devem viver sob vigilância da policia, para não serem linchadas pelos seus vizinhos brancos. Em Nova York, o Harlem está longe de desaparecer.

— "Certamente a segregação funciona também no Norte — disse-me o reverendo King em Montgomery — mas ela não tem fundamento legal. Aqui no Sul, precisamos vencer, primeiro, no terreno da lei. A integração total será uma obra de alto folego."

"EU AMO O SUL"

Ao terminar estas "impressões de viagem ao Sul", eu só posso desejar boa sorte aos negros que lá vivem, da Louisiana, do Mississippi, de Alabama. Mais do que os habitantes ribeirinhos de Louisiana, com o seu mundo estranho de arvores e agua, mais que as velhas plantações todas brancas que se percebem da estrada, atrás de uma cortina de carvalhos, e de musgo espanhol, mais que Natchez e mais que Charleston, na confluência dos seus dois rios, foram eles que me fizeram amar o Sul.

— "Eu amo o Sul — disse-me James Hines — não somente porque foi a terra onde nasci e onde estão todos os que eu amo, como também porque em parte alguma dos Estados Unidos, estou convencido, me seria tão bom viver... quando o problema negro for resolvido naturalmente."

James Hines está muito confiante. Tanto melhor, depois de tudo isso. Sua confiança vem de seu proprio povo. Foi o reverendo French quem, durante uma reunião-oratória, em Montgomery, exclama-

Por Emile GUIKOVATY
(Exclusividade da A.F.P. (Intercontinental) para a FOLHA DA MANHÃ)

va: "Nenhum outro povo senão o povo negro poderia sorrir como nós sorrimos esta tarde, poderia cantar como nós cantamos esta tarde, poderia gritar como nós gritamos esta tarde."

E acrescentou:

— "No início, fizeram o negro andar com um lenço vermelho e um bastão de cana de açúcar. Em seguida foi o medo. Agora o medo desapareceu..."

Foi uma das estudantes convidadas do dr. Hines que nos contou esta anedota:

Durante uma reunião da comissão especial, numa cidade de Louisiana, discutiu-se o orçamento que seria aplicado à construção e aos melhoramentos de edificios escolares. Todos fizeram suas respectivas propostas, até que chegou a vez de o representante negro falar.

— "Dispomos de um milhão de dolares", disse ele. "Proponho que se empreguem 700 mil na escola negra."

— "700 mil? Por que pedem mais do que nós?"

E o negro respondeu muito serio.

— "Oh, acho que os negros deveriam ser mais educados do que os brancos."

Todos riram alto. Foi muito alegre essa tarde, na casa do dr. Hines. — (CONCLUSÃO)